

**Casa de passarinho: um percurso
simbólico em Arteterapia com
idosos institucionalizados**

Autora: Sarita Elias Gama

Casa de passarinho: um percurso simbólico em Arteterapia com idosos institucionalizados

Sarita Elias Gama¹

Mariana Farcetta²

Eliana Moraes³

RESUMO

O envelhecimento da população aliado com a falta de planejamento para a velhice faz com que aumente a cada dia o número de pessoas idosas vivendo em Instituições de Longa Permanência para Idosos - ILPI. A mudança do ambiente familiar para o institucional, assim como a construção do senso de pertencimento e do sentimento da instituição como um lar puderam encontrar acolhimento na Arteterapia em grupo. Sendo assim, este artigo descreve um trabalho desenvolvido durante a disciplina de estágio supervisionado em Arteterapia Sistêmica pelo Instituto Faces, realizado com um grupo de idosos institucionalizados e teve por objetivo a busca por pertencimento a partir da construção de casas de passarinho com materiais recicláveis. Para orientar o entendimento de como se dá a construção da relação afetiva com o lugar, do processo de envelhecimento, do potencial da Arteterapia no trabalho com idosos e do uso dos materiais, contou-se com o apoio de autores como Angela Philippini, Cristiane Pomeranz, Yi-Fu Tuan, Beatriz Cardella, entre outros, cujas teorias fundamentam o desenvolvimento deste método.

Palavras-chave: Arteterapia. Envelhecimento. Pertencimento. Instituição. Idosos.

Introdução

O envelhecimento da população brasileira é uma realidade que pode ser observada nos dados do censo realizado pelo IBGE que mostram aumentos

¹ Estudante de Pós Graduação em Arteterapia Sistêmica pelo Instituto Faces e-mail saritaegama@gmail.com

² Professora Orientadora

³ Professora Orientadora

expressivos na população idosa no Brasil. Em 2000, a população idosa correspondia a 5,85% da população e em 2010 passamos para 7,38%, um aumento de 1, 53%⁴.

O artigo 8º do estatuto do idoso garante que “O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social” (BRASIL, 2013, p. 10), fazendo-se necessário também que haja um respeito às singularidades da pessoa idosa. Para Pomeranz (2017):

É fundamental ser velho sem perder o direito de ser cidadão já que é por meio da participação que existimos como seres sociais. É preciso envelhecer sem se tornar invisível. Tornar-se velho e se assumir como sujeito e não apenas como um ser passivo. (POMERANZ, 2017, p. 98)

Tais fatos nos obrigam a direcionar um novo olhar para esta população no que diz respeito a promover condições e estruturas mínimas para que se envelheça com qualidade de vida, o que requer cuidados tanto no aspecto físico quanto emocional, sendo que as demandas da vida atual, especialmente em grandes centros urbanos faz com que a cada dia mais pessoas recorram às Instituições de Longa Permanência para Idosos - ILPI, com o intuito de suprir essas necessidades.

Como consequência deste cenário, muitos idosos se vêem obrigados a sair do lugar onde construíram sua vida, onde estão seus afetos em forma tanto de família quanto de coisas materiais para viverem em uma Instituição, lugar de ruptura de encontro. Ao mesmo tempo em que há o convívio diário com diversas pessoas as relações não se aprofundam, mas, ainda assim, há que se construir ligações, vínculos, há que se pertencer já que, de acordo com Cardella (2015):

A vida humana é sempre vida de alguém, que acontece em meio aos outros. O outro, o diferente, o estranho, nos limita, desafia, contesta, desaloja, desarruma e também confirma, testemunha, acolhe e se deixa transformar pelo nosso modo de ser. Paradoxalmente, nos faz outros para nós mesmos e possibilita que nos apropriemos do próprio. (CARDELLA, 2015, p. 181)

Neste contexto de estranhamento do espaço coletivo, onde há muitos obstáculos para a manutenção da individualidade e da alteridade, pertencer torna-se então um objetivo desafiador, pois ao se ver distanciado de pessoas de sua convivência e ser direcionado para uma instituição, o idoso pode reprimir suas memórias de acolhimento, gerando dificuldades de adaptação à nova morada, já que “Só é possível alcançar o primordial sentir-se em casa quando a pessoa viveu em algum momento de sua vida uma experiência de Hospitalidade, quando foi acolhida no mundo humano”. (CARDELLA, 2020, p. 57)

⁴ BRASIL (2022)

Com base nisto surgem as perguntas: Como sentir-se em casa em um novo lugar? Como transformar esse novo lugar em um lar? Para melhor compreender esses questionamentos é possível partir do entendimento da relação entre lar e lugar. Para Tuan (2015):

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário que podem ser tocados e também cheirados (...) (TUAN, 2015, p. 155)

Essa relação íntima com o local precisa ser construída no dia a dia, na construção da rotina, na relação com os seus detalhes. Uma cortina, uma foto, uma árvore e uma flor tem a mesma importância que o teto e as paredes e requer tempo para que essa relação seja construída. Sobre o tempo que se leva para conhecer um lugar Tuan (2015) destaca:

(...) O conhecimento abstrato sobre um lugar pode ser adquirido em pouco tempo se se é diligente. A qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas, “sentir” um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (...) Conhecer um lugar, nos sentidos citados anteriormente, certamente leva tempo. É um tipo de conhecimento subconsciente. Com o tempo uma nova casa deixa de chamar nossa atenção, torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelos. (TUAN, 2015. p. 98)

Assim, para relacionar-se com o lugar e senti-lo como um lar, a rotina é algo fundamental e dentro de uma Instituição esta difere fortemente daquela vivida em um ambiente familiar, que é a experiência de lar conhecida até este momento. A liberdade de decisões que vai desde o horário do banho até o horário da alimentação e qual alimento comer deixa de existir ou restringe-se consideravelmente. Esta falta de sentimento da Instituição como um lar pode acarretar um encolhimento do sujeito no que diz respeito às suas expressões em geral, mas principalmente no que diz respeito às expressões de sentimentos, sendo importante considerar que:

Dar lugar ao velho não é romantizar a velhice nem adotar uma postura paternalista. É, fundamentalmente, reconhecer o percurso humano com passagem, o homem como ser temporal, criativo, singular e comunitário, ser de fronteiras, enraizado no húmus e aberto para o mais além. (PHILIPPINI, 2021, pág 207)

Desta forma, a Arteterapia considerada como “um processo terapêutico que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas” (Philippini, 2021, P.11), chega como forma de dar espaço para as expressões, criações e singularidades reprimidas, para expandir e ampliar. As metáforas e os simbolismos presentes nas propostas podem dar sustentação para que os sentimentos sejam acolhidos e abram espaço para o novo. Para Philippini (2015):

A vivência do grupo arteterapêutico como espaço de interlocução dá ao idoso um novo espaço de compartilhamento de sua subjetividade, onde pode amenizar a vivência de exclusão e reposicionar-se de forma mais ativa e fortalecida para confrontar os desafios do envelhecimento. (PHILIPPINI, 2015, P. 29)

As técnicas utilizadas nos processos arteterapêuticos podem trazer leveza para esse cenário por oferecerem momentos de autopercepção, de reconhecimento e entendimento desse processo de mudança, trazendo para a consciência os elementos subjetivos presentes na relação com o lugar e com as pessoas, fundamental para a estruturação do sentimento de pertencimento. Assim, este artigo busca demonstrar como um trabalho simbólico desenvolvido em Arteterapia pode contribuir para melhorar o sentimento de pertencimento em idosos residentes em uma ILPI, melhorando os relacionamentos interpessoais, o elo afetivo com o meio, o sentimento de bem estar e conseqüentemente a qualidade de vida destas pessoas.

Método

O trabalho aqui apresentado foi realizado durante a disciplina de estágio supervisionado de formação em Arteterapia pelo Instituto Faces e desenvolvido numa Instituição de Longa Permanência para Idosos de caráter social, cujos recursos financeiros advêm de convênio com governo do estado e doações.

Participaram da pesquisa 5 idosos, com idade entre 62 e 82 anos, nomeados de forma fictícia para proteger suas identidades, a saber:

- Elza, 65 anos, solteira, sem filhos, residente na instituição há dois anos e meio, muito falante e ágil na realização das propostas. Orgulha-se de não ter chorado quando chegou na instituição e mostra muita gratidão pelas doações e voluntários que mantêm o lugar funcionando. Traz para as conversas alguns traumas de infância por ter crescido longe dos pais que a acolheram de volta apenas quando esta já tinha idade para ajudá-los em serviços domésticos.

Também fala muito sobre sair da instituição e reclama de saudades da irmã. Não apresenta comprometimentos físicos ou cognitivos que prejudicassem a participação nas propostas apresentadas;

- Hebe, 82 anos, residente na instituição há 5 meses. Apresenta dificuldades de memória, sendo necessário retomar sempre o objetivo das propostas. Fisicamente não apresenta limitações que prejudiquem a participação nas propostas. Muitas vezes diz não saber o que vai fazer e também não faz muitas elaborações verbais sobre as propostas, mas diverte-se enquanto produz.
- Matias, 76 anos, residente na instituição há sete anos, cujos comprometimentos físicos e cognitivos limitam suas produções e elaborações. Está sempre sorridente e disponível para participar das propostas e suas interações são principalmente para tecer elogios às outras participantes do grupo.
- Odete, 62 anos, residente na instituição há sete anos e meio, solteira e sem filhos. Apresenta dificuldades no andar e cognitivo preservado. Diz sentir falta da liberdade de estar na sua casa. Fala sobre conflitos nas relações e na convivência na instituição, mas ao mesmo tempo diz que é um grande aprendiz. Busca a perfeição em seus trabalhos e faz reflexões pessoais a partir deles.
- Valdete, 63 anos, residente na instituição há dois anos, viúva, teve dois filhos, um faleceu quando bebê e outro há cerca de um ano em decorrência da covid-19. Fala pouco nas atividades, mas está sempre disponível.

A partir dos discursos dos participantes, assim como das produções artísticas realizadas nos encontros iniciais de criação de vínculo e coleta de dados, percebeu-se que a principal queixa do grupo relacionava-se com a falta de senso de pertencimento em relação à instituição, ou seja, os idosos não sentiam a instituição como um lar.

A busca por pertencer faz parte da trajetória humana e essa ausência de senso de pertencimento num momento de fragilidade trazida pelo envelhecimento pode trazer angústias e uma certa passividade, impedindo-os de manter a qualidade de vida tanto no aspecto físico quanto emocional.

Diante disso, desenvolveu-se a proposta da construção de casas de passarinho, na qual, em cada etapa, os participantes foram provocados a refletir

sobre os elementos subjetivos que transformam uma casa em um lar, ao mesmo tempo que teciam uma relação entre casa exterior e casa interior. O desenvolvimento desta proposta durou 9 encontros entre os meses de maio e outubro de 2022, com intervalos médios de uma semana entre os mesmos, cujas propostas estão descritas abaixo seguidas de foto das imagens produzidas em todos os encontros.

Primeiro encontro:

- Objetivo: Expressão , por meio do desenho, sobre os sentimentos em relação à instituição.
- Sensibilização e Atividade: Música e conversa sobre o tema casa. Atividade de dobradura em formato de casa e desenho relacionado com o bate papo.(Tabela 01 -Imagens de 01 a 05)
- Observações: Mesmo que na conversa tenha-se trazido a instituição como a casa a ser desenhada, ao final todos os registros referiam-se às moradias anteriores confirmando a observação anterior acerca da falta de pertencimento.

Segundo encontro:

- Objetivo: criar um personagem com a figura do passarinho no qual pudessem projetar seus próprios sentimentos. (Tabela 01 - Imagens de 06 a 10)
- Sensibilização e Atividade: Utilizou-se como disparador o livro “Bicos quebrados”, que conta a história de um pardal que se vê só e faminto após ter seu bico quebrado de forma inexplicável, mas que encontra aconchego em uma pessoa com situação semelhante à sua. Foi realizada leitura da parte inicial do livro quando o pardal ainda não teve seu bico quebrado e a representação do pássaro através do desenho e pintura, com as perguntas: “Onde seu pássaro está?”; “O que ele está fazendo?”; “Ele está só ou acompanhado?”; “Qual o nome do seu pássaro?”; “Qual a cor do seu pássaro?”; “O que esta cor te lembra?”; “O que seu pássaro gosta de comer?” Utilizou-se pincel e tinta guache no suporte A3 branco. (Tabela 01 - Imagens de 06 a 10)
- Observações: A escolha do trabalho com a tinta se faz por esta ser uma facilitadora na liberação de conteúdos inconscientes. No trabalho com idosos é preciso ouvir além do que se é dito. Ouvir o corpo, ouvir os olhares, ouvir as expressões artísticas. Isso ficou bastante evidente nesta atividade na qual

cada idoso, apesar de não conseguir elaborar isso de forma consciente, fez uma representação muito forte de si mesmo na arte. Valdete fez seu passarinho voando ao lado de outros três passarinhos sendo que a mesma perdeu o pai e o filho recentemente e uma filha ainda bebê. Odete traz muito em suas falas a falta que ela sente de ser “livre” e eis que representa o seu pássaro numa gaiola recebendo visita de outro pássaro. Elza fez um pássaro em cima de uma árvore, sendo o tamanho do pássaro desproporcional ao da árvore e isso diz muito sobre como ela se sente forte em relação ao lar por “aceitar” sua condição de institucionalização, mesmo não gostando dela. Hebe representa seu pássaro voando em meio às árvores e disse que ele fica triste quando está só, o que tem relação direta com sua postura de cuidados protetivos com a sua companheira de quarto.

Terceiro encontro:

- Objetivo: Iniciar a construção de uma casinha para o passarinho criado no encontro anterior, focando no simbolismo presente na utilização de materiais reaproveitados.
- Sensibilização/Atividade: retomada e conclusão da leitura do livro “Bicos quebrados”, promovendo um momento de conversa sobre a necessidade de cuidado do personagem da história e início da proposta da construção de casinhas de passarinho.
- Observações: O material escolhido para construção das casinhas foram caixas de leite vazias trazendo o sentido de ressignificação do material e de reflexões sobre a função protetiva das paredes de uma casa. Enquanto pintavam a casa falou-se também sobre o reaproveitamento de um material que provavelmente iria para o lixo e que agora têm a oportunidade de se tornar algo tão especial quanto a morada de alguém (um passarinho).

Quarto encontro:

- Objetivo: Continuidade na construção da casa de passarinho com foco na porta fazendo uma relação com a porta da instituição que se abriu quando precisaram e trazendo o simbolismo da porta para o mundo interior. (Tabela 01 - Imagens de 11 a 15)
- Sensibilização/Atividade: Para introduzir o tema utilizou-se o clipe da música “Porta” de Marisa Monte. Perguntou-se o que eles pensavam quando se falava em porta e propôs-se então o desenho de uma porta que os

representasse. Para esse momento o material utilizado foi papel A3 e canetinhas. (Tabela 01 - Imagens de 11 a 15)

- Observações: Nesse momento, utilizar a técnica do desenho teve como objetivo entender a percepção espacial em relação a esta porta que subjetivamente representa eles mesmos. Os relatos vieram de formas diferentes, mas em todos a porta estava fechada, apenas a de Odete estava entreaberta. Alguns sabiam o que havia atrás da porta, outros não, alguns tinham a chave, outros não. Alguns estavam do lado de dentro, outros do lado de fora. Só depois do compartilhamento da proposta é que fez-se então a abertura da porta da casinha de passarinho. De todas as atividades propostas até o momento percebe-se que esta foi a que mais eles conseguiram se expressar.

Quinto encontro:

- Objetivo: A partir da premissa de função protetora do telhado, identificar em si o que é mais valioso e que se deseja colocar sob essa proteção.
- Sensibilização/Atividade: Criação coletiva de nuvem de palavras com o tema telhado. Apresentação de um contorno de telhado impresso numa sulfite A4 e proposta para que cada um, a partir da ideia do telhado como esse elemento de proteção, colocasse embaixo desse telhado aquilo que considerava importante numa casa e que mais desejava proteger. Mais uma vez a técnica do desenho foi utilizada, agora como um resgate daquilo que é valioso. (Tabela 01 - Imagens de 16 a 20)
- Observações: Elza disse que não sabia desenhar o que precisava e por isso preferia escrever e fez um longo texto do que ela gostaria de proteger, a gratidão aparece novamente com muita força, mas nesse dia ela também traz memórias tristes dos pais e de como precisou perdôá-los por tê-la deixado quando bebê e por outras coisas mais. A partir dessa conversa a Odete falou sobre quando se perdoa, mas o mal causado continua a doer dentro de si. Conversou-se um pouco sobre isso e elas reforçaram a importância do perdão mesmo que não signifique livrar-se da dor. A Hebe desenhou flores em sua casa e a Valdete escreveu sobre proteger a cama e na conversa houve o entendimento de que as flores representavam a beleza e a cama representava o conforto de um lar. Depois do momento de compartilhamento, cada um pintou o telhado da sua casinha.

Sexto encontro:

- Objetivo: Perceber a importância dos detalhes práticos e subjetivos que transformam a casa de uma simples construção em um lugar de aconchego e morada.
- Sensibilização/Atividade: Leitura do texto “Beleza” de Rubem Alves e conversa sobre os passos anteriores da construção partindo para os detalhes e acabamentos da casinha. Disponibilizou-se materiais diversos: sobra de tecido, lantejola, juta, palitos, viés, entre outros. Cada um foi se achando naquilo que mais representava a si mesmo e fazendo as aplicações na casinha. (Tabela 01 - Imagens de 21 a 25)
- Observações: Nesse momento o Matias necessitou de uma ajuda mais pontual, já que a atividade mostrou-se muito complexa dada as suas limitações físicas. Hebe perguntou por muitas vezes como íamos pendurar a casinha, os outros participantes envolveram-se muito na atividade e cada casinha finalizada trouxe as características dos seus autores.

Sétimo encontro:

- Objetivo: Associar a casa de passarinho com a instituição e o passarinho consigo mesmo ao fazer a modelagem - o passarinho que chega na casa pronta para acolhê-lo.
- Sensibilização/Atividade: Após um momento de relaxamento ouvindo sons de passarinhos, retomou-se a atividade feita no segundo encontro onde todos puderam entrar novamente em contato com a figura do passarinho por eles criadas. Propôs-se então dar forma a essa figura com a linguagem da modelagem, utilizando massinha de modelar. (Tabela 01 - Imagens de 26 a 29)
- Observações: A linguagem da modelagem foi ao mesmo tempo desafiadora e divertida para os participantes. A partir da pergunta “O que o passarinho sente ao encontrar sua casa pronta para recebê-lo?” Houve algumas elaborações bem significativas, como a da Hebe ao dizer que seu pássaro ficaria ainda mais feliz se encontrasse outros pássaros ao chegar na casinha, o que tem muito a ver com o encontro que há na chegada à instituição e com sua própria preocupação em estar só. A palavra feliz e gratidão aparece em todos os relatos.

Oitavo encontro:

- Objetivo: Finalizar a construção da casinha, um lugar de coletividade e de convite à morada.
- Sensibilização/Atividade: Relaxamento e respirações com sons de passarinho. Colocar um poleiro na casa de passarinho e pendurá-la no espaço da instituição onde os pássaros têm acesso.(Tabela 01 - Imagens de 30 a 34)
- Observações: Nesse momento cada um trouxe a alegria de ver passarinhos no ambiente da instituição e sua expectativa com suas vindas, ou não, para a casinha. Quiseram deixar as casinhas num lugar mais protegido da chuva apesar de acharem que nesse lugar os passarinhos vêm pouco pois é próximo ao lugar de passagem das pessoas. Houve alegria e satisfação ao verem as casinhas penduradas.

Nono encontro:

- Objetivo: Identificar como está a “Sua” casa agora, relacionando casa exterior e interior.
- Sensibilização/Atividade: Após ouvir a leitura do livro “Cada casa casa com cada um” de Elen Pestili, identificar com qual casa há uma maior identificação e fazer um registro a partir do adjetivo correspondente à casa escolhida.
- Observações: Nas falas tivemos desenho que representou a casa do passado, a casa dos sonhos, a casa da imaginação, mas nenhuma representou a casa atual. O sentimento de ter o lar como uma casa ainda não é perceptível nos registros, surgindo inclusive falas sobre a permanência temporária neste local, mas ao mesmo tempo percebo mais afeto na forma como se dirigem aos acontecimentos e ao ambiente da instituição. Todos foram convidados a se registrarem na casa, mas a Hebe e a Valdete disseram que não estavam nesta casa. Elza fala sobre uma casa grande em que morou e que não conhecia todos os cômodos. Fala sobre desejos não realizados. Odete disse ter desenhado a casa dos sonhos e percebeu a relação de seus sentimentos com a sua produção, já que queria uma casa organizada, mas durante sua produção expressou verbalmente que não estava do jeito que gostaria. Disse que talvez devesse ter escolhido a casa desorganizada. Foi colocado o fato dela fazer a casa que desejava e que essa organização era o que buscava, então fez o que precisava fazer. O fato

de Hebe não ter se desenhado na casa é muito simbólico se partirmos da ideia da casa como uma representação de si mesmo pois ela tem perda de memória e esta produção pode representar essa ruptura. Ela a descreve como uma casa da imaginação porque para ser uma casa real seria muito cheia de informações.

Tabela 01 - Fotos das imagens produzidas pelos participantes durante os encontros

Idoso 1 - Elza	Idoso 2 - Hebe	Idoso 3 - Matias	Idoso 4 - Odete	Idoso 5 -Valdete
 Imagem 1	 Imagem 2	 Imagem 3	 Imagem 4	 Imagem 5
 Imagem 6	 Imagem 7	 Imagem 8	 Imagem 09	 Imagem 10
 Imagem 11	 Imagem 12	 Imagem 13	 Imagem 14	 Imagem 15
 Imagem 16	 Imagem 17	 Imagem 18	 Imagem 19	 Imagem 20
 Imagem 21	 Imagem 22	 Imagem 23	 Imagem 24	 Imagem 25
 Imagem 26	 Imagem 27		 Imagem 28	 Imagem 29
 Imagem 30	 Imagem 31	 Imagem 32	 Imagem 33	 Imagem 34

Discussão

Um grande diferencial da Arteterapia em relação às outras abordagens terapêuticas é a subjetividade presente nos materiais e nas técnicas propostas. As materialidades escolhidas para esse trabalho possuem potencial de trazer o movimento necessário para alcançar os propósitos desejados, a saber: o desenho pela sua característica relacionada com a percepção espacial - o sujeito se situando no lugar, de modo que nos registros dos encontros 01, 03, 04 e 07 percebe-se que esta percepção vai se alterando conforme o avançar das oficinas; a pintura com tinta pela sua capacidade de ativar o fluxo criativo e facilitar a liberação de conteúdos inconscientes e a criação de personagem pela possibilidade de ativar a comunicação simbólica e identificação projetiva que podem ser observadas no segundo encontro quando não há uma elaboração verbal, mas os pássaros pintados trazem relação com a história de cada participante; a modelagem por proporcionar relaxamento, liberação de tensão, ativar a capacidade de compor e edificar sendo que continuar acreditando nesta capacidade de compor e edificar são desafios que fazem parte do envelhecimento e que foram retratados na proposta do encontro 06, cuja estrutura de modelagem ficou frágil, além disso, o material utilizado deveria secar e endurecer, o que não aconteceu após semanas; a construção pelo sentido de estruturar e reconstruir e, por fim, o uso de recicláveis pelo simbolismo presente na reutilização de materiais cuja função inicial já se cumpriu.⁵

Ao acompanhar o desenvolvimento das propostas realizadas, foi possível observar a relação afetiva com o lugar sendo externalizada a partir de detalhes explícitos e outros sutis e subjetivos presentes nas produções artísticas e nos compartilhamentos. As propostas e técnicas desenvolvidas em grupo, partindo da simbologia da casa de passarinho, abriram um espaço para que se trouxesse à consciência a sacralidade presente no encontro com o outro e com a experiência de acolhimento dentro da instituição.

Segundo Cardella (2020):

O espaço é uma das dimensões do encontro com o outro e a forma do paciente organizar o espaço pode revelar posições que ocupa em suas relações e suas necessidades de pertencimento e inclusão.(CARDELLA, 2020, pág 70)

A partir desse entendimento de relação com o espaço, ao observar a primeira atividade proposta (Tabela 01 - Imagens de 01 a 05) e a última (Tabela 01 -

⁵ PHILIPPINI (2018)

Imagens de 30 a 34) sendo uma o espelhamento da outra, é possível perceber a mudança do lugar no desenho. Na primeira, há um registro de um lugar vivido no passado, mostrando apego a um lugar que não faz mais parte de suas vidas, mas que está fortemente presente em suas memórias. Na última, o registro sai da dimensão vivida e passa para a dimensão subjetiva: a casa dos sonhos, a casa que só pode existir na imaginação, uma casa da qual não se conhece todos os cômodos.

Na continuidade do percurso surge a representação de si mesmo no pássaro pintado com tinta. De acordo com Philippini (2018), “A pintura proporciona intensa mobilização emocional causada pelas experimentações com a cor e, também, pelos eventos da natureza física que propicia (...)” (PHILIPPINI, 2018, p. 39). Essa mobilização faz com que transpareça na arte criada a necessidade de cuidado. Os pássaros ficam tristes quando estão sós, quando estão presos ou são agredidos e ficam felizes quando estão alimentados, livres e voando.

O registro da porta da casa complementa a assimilação de lugar - onde estou e como estou - o que ficou evidente nas falas dos participantes que conseguiram se ver dentro da proposta, descrever sua porta e onde se encontravam em relação à esta, trazendo um nível de resposta verbal durante o compartilhamento até então não observado no grupo, um indicativo da relação com o lugar sendo construída e da Arteterapia gerando resultados.

A finalização da construção da casa trouxe fortemente a identidade de cada um, ou seja, alguém que conhecesse um pouco os participantes seria capaz de relacionar cada casa com o seu dono. Essa percepção da própria identidade é fundamental na construção do sentimento de pertencimento pois só é possível sentir-se pertencente quando sua identidade é conhecida, “se não sei quem sou não consigo saber qual o meu lugar”.

Ao falar sobre a importância da relação íntima com o local para que este seja constituído como um lar, Tuan (2015) destaca as relações interpessoais nessa jornada em busca de pertencimento e a intimidade que acontece também nas relações com quem se convive. Pertencer está relacionado com a rotina, com a intimidade que se há com o espaço e com as pessoas que nele convivem, ou seja, pertencer se dá também nas relações com as pessoas. Isso pode ser observado na evolução das conversas antes dos encontros e nos momentos de compartilhamento que passaram a ter como tema as relações dentro da instituição e até de conflitos, sendo que mesmo com as frustrações naturais advindas da situação de

institucionalização, o afeto com que passaram a contar histórias do lugar que habitam é muito presente nessas falas.

Para Tuan (2015):

A intimidade entre as pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um, brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. (...) (TUAN, 2015, p. 151)

O grupo arteterapêutico proporcionou a vivência desse contato e troca, do encontro com qualidade. A casa de passarinho funcionou como um símbolo de acolhimento, representa cuidado, proteção e carinho com um passarinho que procura e precisa de descanso, numa analogia direta com a necessidade de acolhimento, cuidado, proteção e carinho que os idosos precisam neste momento.

As oficinas arteterapêuticas tornaram-se para os idosos momentos de calma e serenidade pois havia a disponibilidade em participar das propostas mesmo quando não estavam se sentindo bem, o que foi percebido de forma pontual em dois momentos: quando dona Hebe chega dizendo que não vai fazer nada por estar com dor e participa de forma ativa do que é proposto, esquecendo-se da dor e dona Odete que vivencia um momento de estresse antes do início do encontro e ainda assim participa e se entrega à criação proposta, dois exemplos de bem estar físico e emocional proporcionados pelas vivências em grupo.

Considerações Finais

Ao adentrar a Instituição pela primeira vez no início do processo de estágio, a palavra que me veio à mente foi “silêncio”. Na morosidade dos espaços coletivos, na ausência de diálogo entre os idosos, nas respostas às perguntas e provocações dentro das propostas trazidas, em todo momento o silêncio estava lá, me confrontando. Eu o acolhi, confiei no processo que estava sendo construído, aprendi a ouvir para além do que se verbaliza e busquei nas artes respostas que não obtinha nas conversas e elas vieram. Nesse momento eu testemunhei o potencial da Arteterapia, pois para cada palavra não dita a arte estava lá mostrando o que precisava ser mostrado e o caminho que precisava ser percorrido: o do pertencer.

O encantamento na voz quando uma participante conta sobre como os passarinhos brincam felizes na água ou como ama as margaridas do jardim, a tristeza no relato de árvores sendo podadas, o cuidado com o lugar onde pendurar

sua casinha são demonstrações da relação afetiva com o lugar que puderam vir à consciência a partir da participação das propostas em Arteterapia e do bem estar proporcionado por esses momentos e pelo sentimento de pertencimento sendo construído.

Observei que existe uma grande variedade de proposições, materiais, técnicas e intervenções em Arteterapia cuja contribuição seria de grande valor e que não foram utilizadas nas oficinas descritas devido ao contexto de estágio em que aconteceram, ainda assim os resultados obtidos foram significativos e indicativos da necessidade da Arteterapia dentro de uma ILPI, bem como da importância de se falar sobre situação de institucionalização, de dar espaço para a expressão do idoso institucionalizado, criando condições para que se sintam pertencentes e para que o envelhecimento aconteça de forma ativa, com respeito à história e ao processo com suas dores e alegrias.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: IBGE. Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-grandes-grupos-de-idade.html> . Acesso em 25 de out. de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 3. ed. 2. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 72 p.

CARDELLA, Beatriz. **De volta para casa**. 2. ed. Amparo: Gráfica Foca, 2020. 296 p.

PHILIPPINI, Angela. **Caminho da Arte**: Construindo um envelhecimento ativo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. 100p.

_____ **Cartografias da Coragem**: Para entender Arteterapia. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021. 88 p.

_____ **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia**: uso, indicações e propriedades. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018. 148p.

POMERANZ, Cristiane. **Arteterapia nas paisagens das velhices**: Método PREAMAR de Intervenção. Orientador: Prof. Dra Beltrina Côrte. 2017. 121 p. Dissertação (Mestre em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20397/2/Cristiane%20Tenani%20Pomeranz.pdf> . Acesso em: 22 out. 2022

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. Londrina: Eduel, 2015. 229p.